

O LIVRO DA SELVA

**EU
LEIO**



O LIVRO DA SELVA

Rudyard Kipling



Tradução

Duda Machado

Apresentação e apêndice

Geraldo Galvão Ferraz

**TEXTO
INTEGRAL**

ea
editora ática

Edição revista

Título original: *The jungle book*

Título da edição brasileira: *O livro da selva*

GERENTE EDITORIAL Claudia Morales

EDITOR Fabricio Waltrick

EDITORA ASSISTENTE Malu Rangel

PREPARAÇÃO Prova 3 Edições

DIAGRAMADORA Thatiana Kalaes

COORDENADORA DE REVISÃO Ivany Picasso Batista

REVISORAS Alessandra Miranda de Sá, Cláudia Cantarin

PROJETO GRÁFICO Ludo Design

CAPA E ILUSTRAÇÕES Pietari Posti

COORDENADORA DE ARTE Soraia Scarpa

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA Ludo Design

TRATAMENTO DE IMAGEM Cesar Wolf, Fernanda Crevin

PESQUISA ICONOGRÁFICA Sílvia Kligin

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K64L
2.ed.

Kipling, Rudyard, 1865-1936

O livro da selva / Rudyard Kipling ; ilustrações Pietari Posti ;
tradução Duda Machado. - 2.ed. - São Paulo : Ática, 2012.

168p. : il. ; - (Eu Leio)

Tradução de: The jungle book

ISBN 978-85-08-14723-6

1. Ficção inglesa. I. Posti, Pietari, 1979-. II. Machado,
Duda, 1944-. III. Título. IV. Série.

11-2204.

CDD: 823

CDU: 821.111-3

ISBN 978 85 08 14723-6 (aluno)

ISBN 978 85 08 14724-3 (professor)

Código da obra CL 737912

Cae: 266351

2018

2ª edição

5ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2012

Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP

Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br

www.aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.





Sumário

Apresentação 7

- Os irmãos de Mowgli **11**
- A caçada de Kaa **33**
- “Tigre! Tigre!” **58**
- A foca branca **77**
- Rikki-tikki-tavi **98**
- Toomai dos elefantes **115**
- Súditos de Sua Majestade **136**

Rudyard Kipling: A voz do Império Britânico 155

Bibliografia 163



O GRITO DA NATUREZA

Quando publicou *O livro da selva*, em 1894, Rudyard Kipling já não vivia na Índia há cinco anos. Ele escreveu a obra nos Estados Unidos, numa casa nas montanhas de Vermont que não se parecem nem um pouco com a selva indiana descrita no livro. Aliás, é provável que o autor inglês tenha imaginado este e outros livros para esquecer seus vizinhos norte-americanos, com os quais se dava pessimamente. Talvez ele achasse os gaviões, tigres e serpentes destes contos mais amistosos...

A narrativa principal deste livro está em “Os irmãos de Mowgli”, “A caçada de Kaa” e “Tigre! Tigre!”, três histórias sobre o menino criado pelos lobos. Nelas, Mowgli vai aprendendo e aplicando a Lei da Selva – que, no fim das contas, é uma metáfora de todas as leis, tanto as dos bichos quanto as dos homens. Ela determina o lugar e as ações de todos, e violá-la resulta sempre em dano e, por consequência, em castigo. Kipling, que tinha um respeito enorme pela autoridade e pelas instituições, passou uma mensagem bem simples: mesmo a selva precisa de leis, e é melhor tê-las do que não tê-las.

Mas que não se pense que estas histórias são simples sermões moralistas. Muito pelo contrário: elas transbordam de ação, especialmente “A caçada de Kaa”, um relato eletrizante (e bastante assustador) de como o urso Baloo, a pantera Bagheera e a serpente Kaa salvam Mowgli de um grupo de macacos irresponsáveis, tão



divertidos quanto perigosos. O volume inclui outros quatro contos, entre eles o magistral “Rikki-tikki-tavi”, em que um jovem mangusto (um mamífero carnívoro parecido com a doninha) enfrenta um casal de terríveis cobras najas.

Já no lançamento, *O livro da selva* fez um sucesso extraordinário e, no ano seguinte, Kipling publicou o *Segundo livro da selva*. Desde então, ambas as obras tiveram várias adaptações para as telas. A mais famosa é a animação *Mogli, o menino lobo*, dos estúdios Disney. Ela dá uma versão amenizada do livro, com pouca violência e muito humor, mas vale a pena conhecer tanto a animação como a narrativa original que a inspirou: cada qual à sua maneira, ambas são ótimas.

Geraldo Galvão Ferraz







Com Rann, o Gavião, vem a noite cerrada,
Quando Mang, o Morcego, sente-se livre.
No curral, em sossego, dorme a manada,
Enquanto, longe, o mundo da selva vive.

Fúria, tensão, garras, presas, raça.
Chegou a hora do orgulho e do poder.
Erguem-se os gritos que anunciam a caça.
É a Lei da Selva. E ai de quem tremer!

Canção da noite na Selva

Eram sete horas de uma noite muito quente nas colinas de Seoni quando o Pai Lobo despertou de sua sesta, coçou-se, bocejou e esticou as patas uma a uma, para se livrar da sensação de dormência. A Mãe Lobo estava deitada com seu grande focinho cinzento enfiado entre seus quatro filhotes, que se remexiam e uivavam enquanto a lua brilhava e a luminosidade entrava na caverna onde todos moravam.

— Augrh! — disse o Pai Lobo. — É hora de caçar de novo. — E já ia descendo a colina quando uma pequena sombra de cauda peluda cruzou a soleira e ganiu:

— Que a sorte te acompanhe, ó Chefe dos Lobos! E que boa sorte e fortes dentes brancos tenham tuas nobres crias, para que nunca se esqueçam dos famintos deste mundo.

Era o chacal — Tabaqui, o lambe-pratos —, que os lobos da Índia desprezam porque está sempre fazendo maldades, inventando histórias, comendo restos e tiras de couro da lixeira da aldeia. Mas também o temem, porque Tabaqui, mais do que qualquer outro na selva, é capaz de ficar com raiva, e então se esquece que tem medo e sai correndo pela selva, mordendo tudo que encontra em seu caminho. Até mesmo o tigre foge e se esconde quando o pequeno Tabaqui fica com raiva, pois a raiva é a coisa mais terrível que pode tomar conta de uma criatura selvagem. Nós a conhecemos, cientificamente,

como hidrofobia, mas eles a chamam de *dewanee* — loucura —, e fogem.

— Então entre e dê uma olhada — disse o Pai Lobo, rispidamente. — Não há comida aqui.

— Não para um lobo — respondeu Tabaqui —, mas, para um ser tão insignificante como eu, qualquer osso seco é um banquete. Pois quem somos nós, os Gidur-log [os chacais], para ficar escolhendo?

E disparou para o fundo da caverna, onde achou um osso com resto de carne de veado e ficou a roer uma ponta, todo contente.

— Muito obrigado pela refeição — disse, lambendo os beiços. — Como são bonitas as nobres crianças! E que olhos grandes! E tão novas! Claro, claro, eu devia ter me lembrado de que os filhos dos reis são homens desde o começo.

Ora, Tabaqui sabia tão bem quanto qualquer outro que não há nada mais agourento do que elogiar crianças na frente delas; e sentiu prazer ao ver como a Mãe e o Pai Lobo pareciam desconfortáveis.

Tabaqui ficou quieto, saboreando a maldade que tinha feito, e então disse com malevolência:

— Shere Khan, o Grande, mudou de campo de caça. Na próxima lua ele vai caçar nestas colinas, como ele mesmo me contou.

Shere Khan era o tigre que vivia perto do rio Waingunga, a mais de cinquenta quilômetros dali.

— Ele não tem esse direito! — rebateu o Pai Lobo, com raiva. — Pela Lei da Selva ele não tem direito de mudar seu território sem avisar. Vai assustar todos os alvos de caça na vizinhança de quinze quilômetros, e eu... eu tenho que matar por dois, atualmente.

— A mãe dele não lhe deu o nome de Lungri [o Coxo] de graça — disse a Mãe Lobo tranquilamente. — Nasceu manco de uma pata. É por isso que ele só mata gado. Por isso os aldeões do Waingunga estão irritados com ele, e agora ele virá até aqui para irritar *nossos* aldeões. Vão vasculhar a selva atrás dele quando já estiver longe, e nós e nossos filhos teremos que fugir quando puserem fogo na mata. De fato, estamos muito agradecidos a Shere Khan!

— Quer que eu diga para ele como estão gratos? — perguntou Tabaqui.

— Fora! — vociferou o Pai Lobo. — Fora, vá caçar com seu chefe! Para uma noite, você já perturbou bastante.

— Já vou — disse Tabaqui, calmamente. — Daqui você pode ouvir Shere Khan, lá embaixo, na mata. Eu nem precisava vir dar o recado.

Pai Lobo escutou, ao longe, no vale que descia até um riacho, o lamento seco, raivoso, entredentes, monocórdio, de um tigre que não caçou nada e não liga a mínima se toda a selva souber disso.

— Idiota! — disse o Pai Lobo. — Começar uma caçada noturna com esse barulho! Será que ele pensa que nossos veados são como seus bois gordos do Waingunga?

— Psiu! Não é nem boi nem veado o que ele está caçando esta noite — disse a Mãe Lobo. — É Homem. — O lamento se transformou numa espécie de ronrono sussurrante que parecia vir de todas as direções. É o som que perturba os lenhadores e ciganos dormindo ao relento e faz com que às vezes eles corram direto para a boca do tigre.

— Homem! — exclamou o Pai Lobo, mostrando todos os seus dentes brancos. — Que porcaria! Não há nos charcos rãs e besouros o bastante para que ele tenha que comer Homem e, ainda por cima, no nosso território?!

A Lei da Selva, que nunca ordena nada sem uma razão, proíbe a todas as feras comerem Homem, exceto quando elas estão ensinando seus filhos a matar e se veem obrigadas a caçar fora do território de caça de sua tribo ou alcateia. A verdadeira razão para isso é que matar homens significa, mais cedo ou mais tarde, a chegada de homens brancos em cima de elefantes, com armas de fogo, e centenas de homens morenos com gongos, rojões e tochas. E, então, todos na selva sofrem. O argumento das feras é que o Homem é a mais fraca e indefesa de todas as coisas vivas e que é antiesportivo tocar nele. Elas também dizem — e é verdade — que os comedores de homem ficam com sarna e perdem os dentes.

O ronronar ficou mais alto e terminou em um *Aaarh!*, a garganta escancarada do tigre no momento do ataque.

Então veio um uivo — um uivo nada tigrino — de Shere Khan.

— Ele errou a presa — a Mãe Lobo constatou. — O que está acontecendo?

O Pai Lobo avançou alguns passos e ouviu Shere Khan resmungando e rosnando ferozmente enquanto se embrenhava entre os arbustos.

— O idiota fez a besteira de pular na fogueira de um lenhador e queimou as patas — explicou o Pai Lobo, com um grunhido. — Tabaqui está com ele.

— Alguma coisa está subindo a colina — disse a Mãe Lobo, levantando uma orelha. — Prepare-se!

Os arbustos sussurraram um pouco na mata, e o Pai Lobo se preparou para o salto. Então, se você estivesse observando, teria visto a coisa mais maravilhosa do mundo — o lobo travou o salto no meio. Ele deu o pulo antes de ver em cima do que estava saltando, e aí tentou deter o movimento. O resultado foi atirar-se para cima no ar, na altura de um metro ou mais um pouco, aterrissando quase no mesmo lugar.

— Homem! — exclamou. — Um filhote de homem. Veja!

Bem na frente dele, segurando-se num galho baixo, estava um bebê moreno e nu que mal podia andar — uma coisa minúscula tão macia e cheia de dobrinhas como nunca em noite nenhuma tinha aparecido num covil de lobo. O bebê olhou para a cara do lobo e riu.

— É isso que é um filhote de homem? — perguntou a Mãe Lobo. — Eu nunca tinha visto nenhum. Traga aqui.

Um lobo acostumado a carregar seus próprios filhos pode, se for preciso, abocanhar um ovo sem quebrá-lo, e, embora as mandíbulas do Pai Lobo estivessem cerradas bem nas costas da criança, nenhum dente arranhou sua pele quando ele o pousou no meio de seus filhotes.

— Como é pequeno! Como é nu! E como é corajoso! — disse a Mãe Lobo, suavemente. O bebê abria caminho entre os filhotes para ficar próximo de um lugar quente. — Olhe só, está comendo com os outros. Então é assim que é um filhote de homem. Pois é, já houve alguma vez um lobo que pudesse se gabar de ter um filhote homem entre suas crias?

— Eu já ouvi aqui e ali se falar de uma coisa dessas, mas nunca em nossa Alcateia, nem em minha época — disse o Pai

Lobo. — Ele não tem um só pelo, e eu poderia matá-lo com apenas uma patada. Mas, veja, ele olha para nós e não tem medo.

Então o luar foi obstruído na boca do covil, pois a grande cabeça quadrada e os ombros de Shere Khan bloqueavam a entrada da luz. Tabaqui, atrás dele, guinchava:

— Meu senhor, meu senhor, ele entrou aqui!

— Shere Khan nos dá uma grande honra com sua presença — disse o Pai Lobo suavemente, mas seus olhos tinham muita raiva. — O que Shere Khan procura?

— Minha presa. Um filhote de homem entrou aqui — falou Shere Khan. — Os pais dele fugiram. Entreguem-no a mim.

Shere Khan saltara em cima da fogueira de um lenhador, como o Pai Lobo dissera, e estava furioso por causa da dor em suas patas queimadas. Mas o Pai Lobo sabia que a boca do covil era estreita demais para que um tigre pudesse entrar. Ali onde estava, os ombros e as patas dianteiras de Shere Khan ficavam espremidos por falta de espaço, do mesmo modo como um homem ficaria se tentasse brigar dentro de um barril.

— Os Lobos são um povo livre — disse o Pai Lobo. — Eles recebem ordens do Chefe da Alcateia, e não de qualquer matador de gado cheio de listras. O filhote de homem é nosso, para matarmos se quisermos.

— Se quisermos ou se não quisermos?! Que conversa é essa de querer? Pelo touro que matei, será que vou ter que ficar aqui com o nariz enfiado neste antro de cães à espera do que me pertence por direito? Sou eu, Shere Khan, quem fala!

O rugido do tigre encheu o covil feito um trovão. A Mãe Lobo desvencilhhou-se dos filhotes e avançou, seus olhos como duas grandes luas verdes na escuridão, enfrentando os olhos chamejantes de Shere Khan.

— E sou eu, Raksha [o Demônio], quem responde. O filhote de homem é meu, Lungri, meu, e só meu! Ele não será morto. Viverá para correr com a Alcateia e caçar com a Alcateia; e, por fim, preste atenção, caçador de pequenos filhotes nus, comedor de rãs, matador de peixes: ele irá caçar você! E agora dê o fora, ou pelo Sambhur [o Grande Veado] que matei (eu não como gado faminto), vá procurar sua mãe, fera da selva cheia de queimaduras, mais coxa ainda do que quando veio ao mundo. Fora!

Pai Lobo assistia a tudo espantado. Ele já tinha quase se esquecido do tempo em que conquistara a Mãe Lobo em luta leal com outros cinco lobos, e quando ela corria com a Alcateia não era por cortesia que a chamavam o Demônio. Shere Khan podia ter enfrentado o Pai Lobo, mas ele não se levantaria contra a Mãe Lobo, pois sabia que ali onde estava ela tinha todas as vantagens do terreno e lutaria até a morte. Por isso, retirou-se da boca do covil rosnando e, quando se viu livre, gritou:

— Cada cão late em seu próprio quintal! Veremos o que a Alcateia tem a dizer sobre a adoção de filhotes de homem. O filhote é meu e voltará para os meus dentes no fim, seus ladrões com rabo de vassoura!

A Mãe Lobo jogou-se ofegante sobre os filhotes, e o Pai Lobo disse-lhe com gravidade na voz:

— Shere Khan falou uma verdade. O filhote deve ser mostrado à Alcateia. Você quer ficar com ele, Mãe?

— Ficar com ele...? — ela perguntou, ofegante. — Ele chegou nu, à noite, sozinho e faminto; mesmo assim não teve medo! Veja, já empurrou para o lado um de meus bebês. E aquele carneiro coxo queria matá-lo e depois fugir para o Waingunga enquanto os aldeões iriam invadir nossos covis em busca de vingança! Ficar com ele? Certamente que vou ficar com ele. Fique tranquilo, rãzinha. Você, ó Mowgli (pois de Mowgli, a Rã, eu vou chamá-lo), tempo virá em que você irá caçar Shere Khan, assim como ele o caçou.

— Mas o que é que nossa Alcateia vai dizer? — perguntou o Pai Lobo.

A Lei da Selva deixa muito claro que qualquer lobo pode, quando se casa, deixar a Alcateia a que pertence; mas, logo que seus filhotes tenham idade para ficar de pé, ele deve levá-los ao Conselho da Alcateia, que é geralmente realizado uma vez por mês, na lua cheia, de modo que todos os lobos possam identificá-los. Depois desta inspeção os filhotes ficam livres para correr por onde quiserem, e, até que tenham matado o seu primeiro veado, nenhum argumento é aceito se um lobo adulto da Alcateia matar um dos filhotes. A punição é a morte para o assassino se ele for descoberto; e, se você pensar só um pouco, vai ver que é assim que deve ser.

